

REVISTA DE CIÊNCIAS DO ESTADO: A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?

Lucas Parreira Álvares^{} & Sabrina Carozzi Bandeira^{**} &
Gabriel Afonso Campos^{***} & Victoria Nicolielo Reginatto Noviscki^{****}*

Memorar é viver, é estar atento, é conhecer o passado para construir um melhor e mais brilhante futuro. Bem-vindas e bem-vindos a esta viagem pelas páginas da história da nossa tão querida e reconhecida Revista de Ciências do Estado.

Esta memória histórica, além de marcar o início do formato de publicação na REVICE, que se destina ao registro das memórias do bacharelado em Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais, é uma celebração dos primeiros cinco anos do projeto, que nasceu do esforço coletivo e do compromisso dos alunos do bacharelado em Ciências do Estado.

Desde sua criação, a REVICE foi concebida como um periódico feito pelos alunos e para os alunos. Os editores-chefes e toda a equipe editorial se dedicaram incansavelmente para garantir a qualidade e a relevância dos trabalhos publicados, incentivando o diálogo interdisciplinar e o pensamento crítico.

Ao longo dos cinco anos de existência da REVICE, muitos desafios foram enfrentados e superados. O compromisso em promover a excelência acadêmica e a diversidade de temas abordados tornaram a revista um importante canal para a divulgação das pesquisas realizadas pelos estudantes.

Em 2021, o **I Encontro Internacional da Revista de Ciências do Estado** marcou um momento especial em nossa trajetória, os cinco anos da publicação do primeiro volume da REVICE, *Ciências do Estado: Trajetórias Perspectivas*, realizada em 27 de julho de 2016. Com o tema "Desafios na produção e difusão do conhecimento científico", o evento reuniu

^{*} Professor substituto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Brasil. É graduado em Ciências Sociais, em Ciências do Estado e mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente é doutorando em Antropologia Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi fundador e Editor-chefe da Revista de Ciências do Estado. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0339-3730>. Contato: lucasparreira1@gmail.com.

^{**} Graduada em Jornalismo pelas Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e em Ciências do Estado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFRJ), Brasil. Foi Editora-chefe da Revista de Ciências do Estado. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6227-4715>. Contato: sabrinacarozzi@gmail.com.

^{***} Possui graduação em Ciências do Estado e mestrado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente é doutorando em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. Foi Editor-chefe da Revista de Ciências do Estado. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9699-4411>. Contato: gabriel.afns1@gmail.com.

^{****} É bacharel em Ciências do Estado e mestranda em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. Foi Editora-chefe da Revista de Ciências do Estado. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7264-4196>. Contato: victoria.nicolielo@gmail.com.

pesquisadores nacionais e internacionais, fortalecendo o trabalho da revista e ampliando as fronteiras do conhecimento.

Esta memória histórica se destina a registrar e preservar as significativas reflexões, os aprendizados e as conquistas ao longo desses anos através de depoimentos das Editoras-chefes e Editores-chefes que passaram pela REVICE até a realização do evento.

Esperamos que esta memória inspire as futuras gerações de alunos a continuarem a tradição de excelência acadêmica, promovendo o diálogo interdisciplinar e a produção científica no campo das Ciências do Estado. Que a Revista de Ciências do Estado siga sendo uma fonte de inspiração, reflexão e crescimento intelectual para todos os envolvidos.

I Os rascunhos da teimosia¹

O momento crucial e mais difícil de um projeto é quando ele ultrapassa a barreira entre sua concepção idealista e sua verdadeira realização. No interior dos desejos de algumas pessoas importantes do curso de Ciências do Estado, principalmente professores, a ideia de uma revista científica do curso nunca rompeu este limite. Nem mesmo o Centro Acadêmico do curso, que poderia ser a alavanca ideal para a execução deste projeto, conseguiu concretizá-lo. Foi necessário, então, que uma iniciativa autônoma e plural de alunos pusesse em prática este desafio ambicioso. Visto de hoje, pode parecer que a criação de uma revista científica seja um ato simples e plenamente realizável. Mas em um contexto em que a existência e manutenção de um curso era pauta em plenárias institucionais, e pior, nos corredores, levar adiante tal empreitada não era uma coisa qualquer.

Dentre os vários personagens que idealizaram uma revista para o curso de Ciências do Estado, eu fui o primeiro a mover esforços para que a ideia realmente saísse do papel - e, a propósito, pudesse figurar em outros papéis. Mas se há algo que eu sei bem no gerenciamento de pessoas em um ambiente burocrático, nocivo, e “vetusto”, como a Casa de Afonso Pena, é que esse tipo de plano não emerge unicamente através de uma iniciativa personalista. Claro, uma pessoa pode fazer acontecer, por conta própria, um projeto. Mas não ali, e muito menos se essa pessoa ocupa, na cadeia produtiva da Faculdade de Direito e Ciências do Estado da UFMG, o lugar de aluno. Aliado a isso, também nunca tive a pretensão de levar esse projeto apenas com meus limitados esforços, então tive que buscar pessoas competentes e que estivessem alocadas

¹ Por Lucas Parreira Álvares, Editor-Chefe no período de 2016-2017.

em lugares estratégicos para validar e qualificar uma revista para o curso. A adesão à ideia é tão importante quanto a própria ideia em si.

A primeira pessoa que convidei para compor a primeira equipe editorial da Revista foi o também aluno Lucas Mendes Rosa. Naquela época - e ainda hoje, eu diria - parecia inimaginável que o “Lucas Parreira” estivesse num mesmo projeto que o “Lucas Mendes”. Isso, pois ocupamos, nos espectros ideológicos do curso, nas salas de aula, na política interna, na política externa, e se necessário fosse/for, de uma eleição de síndico de condomínio, lugares absolutamente antagônicos. Lucas Mendes, já naquela época, meados de 2015, era um liberal convicto, com embasamento teórico, e, sobre certas pautas, até era movido por um bom senso raro entre seus pares. Já eu, no outro lado do espectro, era/sou um comunista também convicto, que tinha organização partidária e permeabilidade nos movimentos sociais da cidade de Belo Horizonte. Talvez isso incomode algumas pessoas, mas o fato é que o mais sólido projeto acadêmico do curso de Ciências do Estado foi concretizado pelos esforços de um comunista, cuja concepção teórica, a rigor, pressupõe, ao horizonte, uma concepção de sociedade sem estado. Adianto que não pretendo me defender caso seja acusado de estar envolvido numa dinâmica contraditória.

Mas o fato é que um comunista e um liberal serem os primeiros porta-vozes de um projeto acadêmico foi um ato bastante estratégico para que as reações a este projeto fossem satisfatórias. Quando apresentamos a proposta a algumas pessoas, as impressões iniciais não eram as de que a revista seria um espaço de disputa ideológica ou quaisquer coisas do gênero, e sim, uma confluência entre diferentes posições em buscar de um denominador comum. Este parece ser um discurso conciliador e centrista, e realmente é. Mas olhando pelas lentes de hoje, avalio como o preço necessário a se pagar - e vejo que o produto deu um bom resultado.

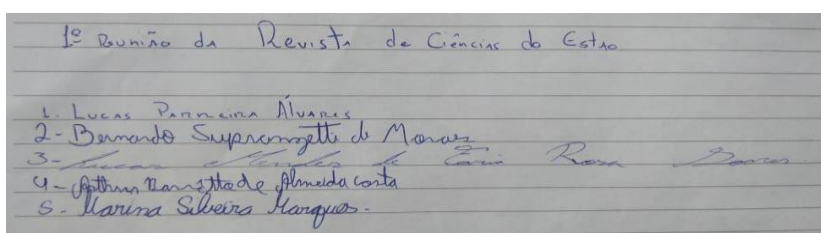
Em seguida, pensamos em convidar um aluno da pós-graduação. Tínhamos como primeiro critério que este aluno deveria ser um egresso de Ciências do Estado, e uma lista foi formada com todos os egressos que estavam em programas de pós-graduação. O segundo e último critério era que esse representante tivesse algum grau de envolvimento com o curso, seja por meio de alguma participação no Centro Acadêmico, em projetos pedagógicos, em estágios de docência, entre outras possibilidades. A lista foi reduzida a três nomes: Rodrigo Badaró, Pamela Côrtes e Bernardo Supranzetti. Também por um motivo estratégico, mas não menos justo, Bernardo foi o escolhido. Adiante neste texto vocês descobrirão o porquê esta também foi uma escolha estratégica.

Decidimos que a quarta pessoa a compor a primeira equipe editorial deveria ser algum representante do CACE, o Centro Acadêmico do curso. Não cabia a nós escolhermos, naquele

momento, quem seria esta pessoa. Levamos a proposta à reunião e deixamos que a gestão vigente da época, a COR, escolhesse alguém. Decidiram pela Marina Silveira Marques, uma decisão que nos agradou de imediato. Marina era experiente no curso, na vida, e nos trâmites universitários. Conhecia como poucos os segredos da Faculdade de Direito e Ciências do Estado, e imaginávamos que essa também poderia ser uma qualidade importante para a composição de uma equipe como esta. Além disso, Marina também sabia ser combativa quando necessário, e se precisássemos ser em algum momento, seria bom contarmos com ela ao nosso lado.

Além de alguém que representasse o CACE, estávamos também de olho numa quinta pessoa que era parte da gestão do centro acadêmico. Caroline Rodrigues havia levado a identidade visual do CACE a outro patamar - que me desculpem os anteriores - e já imaginávamos aquele talento despendendo esforços para a criação de um projeto gráfico de uma revista científica. Ela também topou o desafio e integrou a equipe editorial. Tínhamos, por fim, pessoas bem-intencionadas, mas sem um conhecimento técnico apurado para fazer o projeto acontecer. Qualis, DOI e Indexadores eram termos com o qual não estávamos habituados, e era necessário o apoio de alguém que tivesse domínio sobre isso. Convidamos, inicialmente como uma espécie de “consultor”, o Artur Barreto, aluno do curso de Direito que era o então Editor-Chefe da Revista do CAAP. Embora ele tenha sido o único participante externo ao curso de Ciências do Estado, consideramos que a participação do Artur nos primeiros meses da nossa revista foi fundamental para que o projeto fosse executado. O consultor foi então convertido em um integrante da primeira equipe editorial.

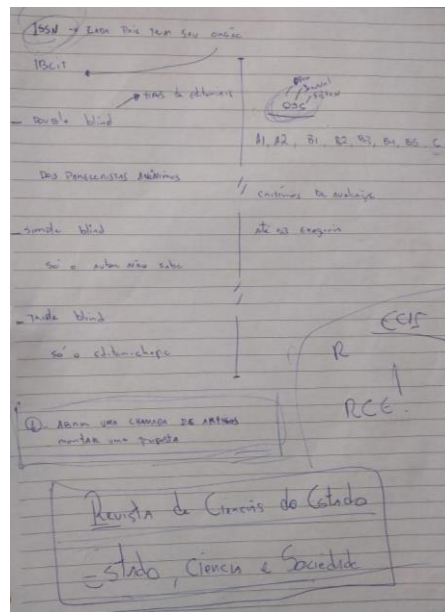
Foto 1 — Primeira lista de presença da REVICE



Fonte: acervo próprio

Acima é possível verificar a primeira lista de presença da Revista de Ciências do Estado, cuja certidão de nascimento à época, sequer havia lhe conferido este nome. Vocês perceberão que a Carol não está nesta lista pois não pôde comparecer em nossa primeira reunião, mas ela já fazia parte da primeira equipe editorial. Abaixo, por sua vez, é possível conferir a ata da primeira reunião da Revista de Ciências do Estado.

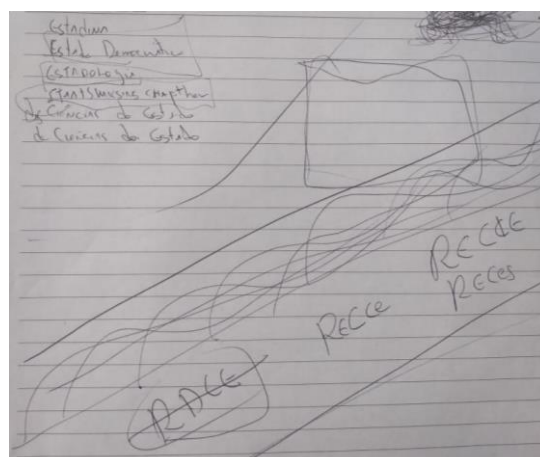
Foto 2 — Primeira Ata da Revice



Fonte: acervo próprio

Minha memória não é tão confiável assim, mas esta ata, malfeita, a propósito, me faz perceber que desde nosso primeiro encontro já havíamos ido “direto ao ponto”, ou seja, no entendimento dos procedimentos burocráticos para a criação de uma Revista. Também é possível notar algo que, hoje, julgo bastante importante: havíamos decidido, nesta reunião, o primeiro nome da Revista: “Estado, Ciência e Sociedade”. Antes disso, havíamos pensado em nomes deploráveis, como *Staatswissenschaft*, Estadina, Estadologia, entre outras péssimas escolhas. A prova do crime? A foto abaixo:

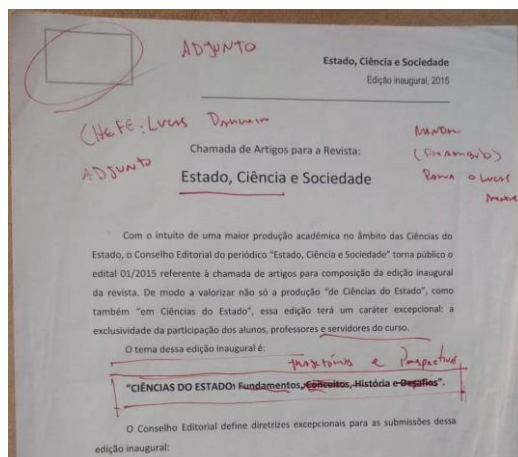
Foto 3 — Sugestões de nomes para a Revice



Fonte: acervo próprio

Mas lembro que já naquela época ficou decidido que o nome seria “Revista Estado, Ciência e Sociedade”. Para embasar essa minha lembrança, acrescento abaixo a primeira proposta de edital que imprimimos para que fosse validado.

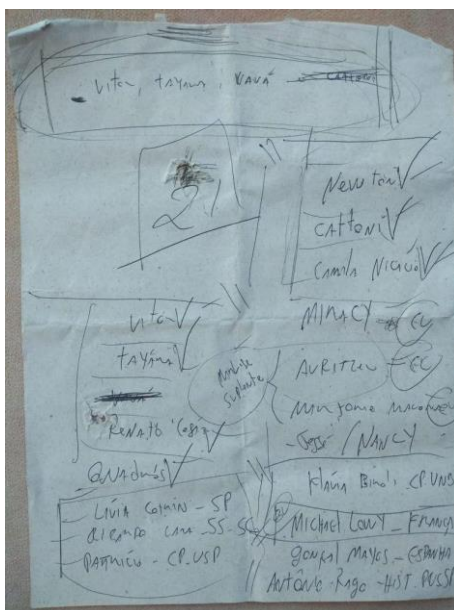
Foto 4 — Primeiro edital de submissão da REVICE



Fonte: acervo próprio

Percebam como, nela, o nome da Revista aparece como “Estado, Ciência e Sociedade”. No entanto, no mesmo dia em que discutimos esse edital, descobrimos que existiam vários periódicos com nomes semelhantes, como a Revista Sociedade e Estado, da UnB, e a Revista Direito, Estado e Sociedade, da PUC-Rio. Optamos então, por nomear nosso empreendimento de “Revista de Ciências do Estado”. Um nome simples, mas que ganhou adesão através de uma ótica justificada em reunião: “a divulgação dos editais será, por si só, uma divulgação também do curso de Ciências do Estado”. Parecia uma boa ideia, e talvez tenha sido. Assim, nascia a “Revista de Ciências do Estado”. A sigla REVICE veio depois, através de uma sugestão da Caroline Rodrigues. Ao que tudo indica, foi também uma ótima sugestão.

Tínhamos um nome, uma equipe editorial, e um edital. Faltava-nos um Conselho Editorial. Foi nesse momento que encontramos as maiores resistências e algumas das mais desprezíveis atitudes no momento de criação da Revista de Ciências do Estado. Isso, pois essa foi a primeira vez que precisamos lidar com o corpo docente da Faculdade de Direito e Ciências do Estado da UFMG. Alguns professores questionaram a ideia de Revista, outros até nos acusaram de apropriar de uma ideia que estava guardada na cabeça deles, e, o pior, professores que até tentaram barganhar vagas no Conselho Editorial através de troca de favores. Não entramos nesse jogo, e conseguimos compor um Conselho Editorial com nomes que eram do nosso agrado, que eram importantes para o curso, e que davam alguma legitimidade às nossas ações.

Foto 5 — Sugestão de nomes para o primeiro Conselho Editorial da REVICE

Fonte: acervo próprio

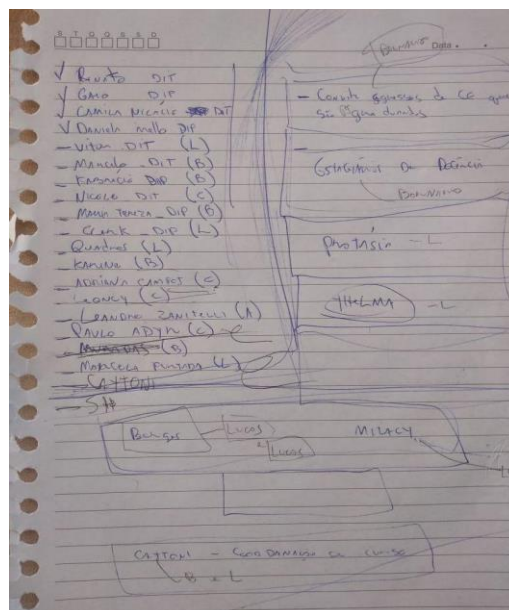
Queríamos tanto nomes próximos como o de Camila Nicácio, Vitor Sartori, Miracy Gustin, Marcelo Cattoni (estes, professores da Faculdade) quanto nomes externos, de outras unidades da UFMG (como Newton Bignotto, Marjorie Marona, Leonardo Avritzer) e de outras Universidades Brasileiras, como Livia Cotrim e Patrício Tierno. Mas no afã da ambição jovem, pensamos que seria possível também contarmos com grandes nomes de Universidades estrangeiras, como Michael Löwy, Gonçal Mayos e Nancy Fraser. Decidimos que, para a primeira edição, buscaríamos nomes próximos, mas que, após a segunda, o Conselho Editorial da Revista passaria por uma reformulação. O primeiro Conselho Editorial da Revista de Ciências do Estado foi formado por Prof^a Maria Clara Oliveira Santos (Universidade Federal de São João Del-Rei); Prof^a Tayara Talita Lemos (Universidade Federal de Juiz de Fora); Prof^a Laís Godoi Lopes (Universidade Federal de Lavras); Prof. Felipe Araújo Castro (Universidade Federal Rural do Semi-Árido); Prof. João Paulo Medeiros Araújo (Universidade Federal de Juiz de Fora); Prof^a Anne Augusta Alencar Leite (Universidade Federal da Paraíba); Prof. Vitor Bartoletti Sartori (Universidade Federal de Minas Gerais); Prof. Marcelo Andrade Cattoni de Oliveira (Universidade Federal de Minas Gerais). Apesar dos nomes em outras Universidades, todos eles tinham alguma proximidade com os membros da Equipe Editorial, e a maioria tinha sido aluno da Pós-Graduação em Direito da UFMG.

Sabíamos que a abertura de um edital para chamamento de submissões poderia não ter um resultado satisfatório. Pensamos que a primeira edição da Revista deveria ser composta por um conteúdo que importasse às futuras gerações de alunos do curso. Pretendemos uma edição

íntima, e começamos a esboçar os convites que faríamos a pessoas específicas para a composição desta primeira edição. A começar por uma tríade de entrevistas com os três professores mais envolvidos - até demais! - no processo de criação do curso: José Luiz Borges Horta, Miracy Gustin e Marcelo Cattoni. À época, Cattoni não deu muita importância à nossa entrevista; já Miracy estava bastante doente e não conseguiu responder as perguntas como ela gostaria. Já José Luiz Borges Horta, levou a sério nossa proposta e, hoje, considero sua entrevista como um documento imprescindível para a história do curso.

Além de entrevistas, pensamos também em resgatar a memória institucional de Ciências do Estado. Para isso, convidamos o servidor Ricardo Cornélio para apresentar uma visão técnica da secretaria do curso; convidamos diversos integrantes de gestões antigas do CACE para uma memória escrita das primeiras gestões do Centro Acadêmico; e por fim, convidamos alguns estagiários de docência do curso para escreverem suas experiências nessa função fundamental para o projeto pedagógico de Ciências do Estado e para a formação do nosso alunado.

Por fim, convidamos algumas pessoas “de” Ciências do Estado para escreverem artigos “sobre” Ciências do Estado. João Protásio Vargas já pesquisava, naquele tempo, as epistemologias de Ciências do Estado, e submeteu um artigo sobre este tema; através de uma pesquisa conjunta com a professora Maria Tereza Fonseca Dias, a egressa Thelma Yanagisawa Shimomura submeteu um artigo sobre a percepção discente acerca das metodologias de ensino na graduação do curso de Ciências do Estado; este que vos escreve, submeteu um artigo sobre as origens históricas do curso; e Pamela e Badaró (lembra que eu disse que eles ocupariam um lugar estratégico?), foram convidados para confeccionar um artigo sobre as dificuldades impostas pela ideia de interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade do Curso. A foto abaixo demonstra os rascunhos da Equipe Editorial para a elaboração desses convites e do Conselho Editorial.

Foto 6 — Convites para primeira edição da REVICE

Fonte: acervo próprio

Assim, formamos a primeira edição da Revista de Ciências do Estado. O primeiro editorial da Revista oferece a dimensão do nosso desejo, enquanto corpo editorial, do que esperávamos da Revista. Através de um exercício quase profético, dissemos o seguinte:

“As próximas edições irão nos fornecer dimensões do que poderemos alcançar e, acima de qualquer coisa, do quanto avançaremos para a busca da excelência. Manifestamos também nosso desejo de que haja incentivos para uma maior produção “em” Ciências do Estado. Esses incentivos poderão se dar desde a criação de projetos de pesquisa e grupos de estudos que trabalhem com o tema, até a tão sonhada pós-graduação em Ciências do Estado que seria um instrumento fundamental para o que estamos aqui propondo. Por fim, esperamos que a iniciativa da REVICE impulse “vontades” compartilhadas em busca de um futuro mais promissor, afinal, nossa história é ainda muito jovem para vivermos de nostalgia”.²

Se estávamos certos ou não, deixo para a avaliação de vocês. Fato é que a Revista, ainda hoje, é um exemplo de excelência de como produzir um periódico com iniciativa discente sem renunciar à maturidade. Sua estrutura de organização, e sua melhoria com o passar dos anos, é a prova máxima do que as potencialidades de alunos, quando exploradas até as últimas consequências, podem produzir. Se eu tinha um desejo pessoal com esta primeira edição, era de que ela servisse como um instrumento pedagógico para todos os calouros que ingressaram no curso. Enquanto ali estive, isto não aconteceu. Mas o desejo permanece. O fato é que os “traços de teimosia” de outrora trouxeram resultados satisfatórios, e a principal evidência disso nem são as edições publicadas, mas sim, a quantidade de alunos do curso que se envolveram e

² EDITORIAL, Equipe. Os Traços da Teimosia. *Revista de Ciências do Estado*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 9–12, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revice/article/view/e4981>. Acesso em: 26 jul. 2023.

tiveram a experiência de participar da gestão de uma revista científica, o que, sem dúvidas, contribuiu enormemente para suas formações.

Como alguém que ainda almeja a supressão do Estado, seria irônico se eu terminasse este texto dizendo “Vida longa à Revista de Ciências do Estado!”, mas meus votos são que, no futuro, ela possa ser lembrada como um instrumento potente de análise de uma época transitória que experienciamos. Mas até lá, desejo que ela resgate um pouco da criticidade que compunha seus primeiros dossiês. Isto, por si só, já seria enorme.

II Entre bolo com café e critérios Qualis: lembrar tempos de REVICE é pensar a importância da divulgação científica feita por alunos de Ciências do Estado.³

Gostaria de agradecer o convite à Victoria Nicolielo e a toda equipe da REVICE por estar fazendo parte deste evento. Foi muito bom ver os rascunhos e os documentos do Lucas Parreira e hoje, quando fui preparar a minha apresentação, fiz uma visita ao passado mais saudosista e positiva. Nessas circunstâncias, deixei as partes difíceis de lado e me lembrei das reuniões que fazíamos na sala de convivência dos pós-graduandos, onde havia bolo e café. Eram encontros muito gostosos, discutimos os projetos e quais seriam as nossas próximas missões.

Entrei para a equipe editorial em 2016, mais precisamente no mês de maio, com a Helena, a Jaqueline Torres, a Elena Coelho, a Lorena Marcone e a Zirlene Lemos e passamos a integrar a equipe com o Lucas Parreira e com o Bernardo. Chegamos com a missão de colocar a revista no ar, de lançar o primeiro número.

Dessa forma, iniciamos os preparativos para finalizar a editoração e anexar o projeto visual da Caroline, que era lindo, e assim colocar o bloco na rua e concretizar esse sonho. Para mim era um desafio, uma coisa grande, eram mais de duzentas páginas de artigos, de resenhas, de muitas coisas legais, que deveriam ser lançadas no dia 27 de julho de 2016.

Depois desse desafio, tínhamos uma segunda missão: dar um rumo para a revista após o seu lançamento. Isso porque, a REVICE ainda não tinha o ISSN e nem a indexação no Portal Periódicos da UFMG, logo, havia a necessidade de superar essa burocracia. Dessa forma, fomos atrás do ISSN, conseguimos ingressar no Portal Periódicos da UFMG, nos indexar ao periódico de Minas e criar o ORCID. Depois desses pontos centrais, contudo, a batalha ainda seria para conseguir o Qualis e toda reunião se baseava em: O que é Qualis? Quando vai sair o Qualis?

No segundo ano, a REVICE conseguiu ser qualificada no Qualis e ficamos extasiados, pois já contávamos com essas pequenas grandes vitórias. A cada reunião descobrimos algo

³ Transcrição da fala de Sabrina Carozzi Bandeira, Editora-Chefe no período de 2017-2018.

novo, conseguimos resolver algum problema, um novo entrevistado confirmava, um artigo ficava pronto, um professor aceitava um parecer, era muito satisfatório. Foi então, a partir desse momento de superação burocrática, que se tornou, finalmente, possível colocar como missão consolidar e fazer crescer essa revista.

Dessa forma, como já tínhamos as chamadas para os artigos da segunda edição, passamos a ter como objetivo manter a divulgação da primeira edição, receber os artigos da segunda e já pensar num lançamento da terceira edição. Nesse sentido, era muito trabalho, era um desafio custoso, a gente queria manter as edições semestrais pelo menos, não queríamos edição anual e não havia a opção de deixar de fazer.

Além disso, tínhamos que manter o interesse e atrair os alunos, principalmente os alunos de Ciências do Estado, para que quisessem participar da equipe, publicar e participar dos eventos. Ademais, também queríamos fazer uma reforma no conselho editorial para termos uma exogenia, com vários professores de outras universidades e de outros Estados. Queríamos, portanto, que todos fossem doutores e que houvesse uma igualdade de gênero. Após colocar a REVICE no ar e fazer a reforma no conselho, conseguir o ISSN, o qualis e conseguir estruturar e fortalecer a revista, precisávamos crescer. Foi nesse momento que os maiores desafios chegaram até nós.

Recordo-me que participamos de vários eventos do periódico de Minas e dos periódicos da UFMG e foram eventos muito proveitosos sobre divulgação científica e sobre a importância da divulgação científica. Isso porque, não resolvia fazermos uma revista linda, com artigos ótimos, com participações maravilhosas, mas ficar restrita aos autores, com os autores lendo os próprios artigos e citando os próprios artigos. Então assim, nas reuniões dos periódicos que tivemos, trabalhamos intensamente no âmbito da difusão e divulgação científica, e se tornou uma meta da REVICE estimular essa produção, a participação do aluno de Ciências do Estado e o sentimento de pertencimento à revista, de modo que ela obtivesse uma continuidade e que os alunos a pegassem para si, como um projeto de Ciências do Estado e dos alunos de Ciências do Estado.

Neste momento, iniciamos estratégias para aproximar os alunos e divulgar o projeto entre os alunos. Criamos as redes sociais e nos tornamos frequentes nas publicações, principalmente no lançamento das edições. Além disso, fizemos alguns eventos com a pós-graduação, para ter uma linguagem mais clara, mais próxima dos alunos. No começo, foi através do Facebook onde conseguimos dar mais visibilidade. Por lá, foram criados conteúdos a fim de explicar o funcionamento da revista. No começo, contudo, nós divulgamos muito material pronto de outras páginas e atualmente eu percebo que a página é bem ativa e possui muito

material. Essa constância é de suma importância e, particularmente, acho muito legal, porque a REVICE precisa estar além de artigos da ABNT, da coisa dura, ela tem que estar mais próxima e eu fiquei bem feliz de ver que está acontecendo, que tá mantendo uma produção de conteúdo de internet.

Ademais, gostávamos muito de fazer as entrevistas, vibramos muito com cada uma que a gente conseguiu. Eram nomes como o de Michael Lowy e Boaventura Souza Santos, nos quais a gente conseguiu gravar em vídeo e colocar no Youtube. Era muito gostoso participar de tudo isso.

Portanto, o que eu quis trazer nas minhas palavras foi a satisfação do que vivi naqueles dias. Após o convite da Victoria, foi de suma importância lembrar de uma época muito legal, de uma equipe boa, de amigos que fiz que foram muito além do lado teórico e acadêmico de uma publicação científica. Eu acho que todo aluno de Ciências do Estado deveria participar da revista, da equipe, porque é um contato legal, com um bastidor legal da produção científica, no qual pensamos novas formas de fazer ciência, de pensar novos conteúdo para as pessoas, de transformar esses artigos da revista em produções mais legível e palatáveis. Os alunos de Ciências do Estado são capazes e ótimos pra fazer isso, e quando fazem, o fazem com muita qualidade e acho que é isso que cria o pertencimento a Revista de Ciências do Estado.

Finalizo as minhas palavras afirmando que foi um projeto muito bonito e grandioso. É uma revista feita por alunos e investir nessa aproximação com o curso fortalece a revista e prolonga esse projeto o máximo possível, o que percebo, vocês estão fazendo muito bem. Agradeço imensamente o convite e espero ter colaborado com a perpetuação da história dessa revista de grande valor para a vida acadêmica dos nossos estudantes. Sigo à disposição para o que precisarem.

III A REVICE como expressão da consciência que o curso de Ciências do Estado tem de si mesmo⁴

É grande a dificuldade em preparar um breve relato por ocasião dos 5 anos da Revista de Ciências do Estado – REVICE. Em grande medida, isso se deve ao fato de que, usualmente, tendemos a não reconhecer a importância dos espaços por onde passamos e que nos formam. Mas não somente por esse motivo: os periódicos são instituições no interior da universidade que, a despeito de sua importância, passam, muitas vezes, despercebidos ou mesmo limitados a um grupo muito restrito de pesquisadores de uma determinada área do conhecimento.

⁴ Por Gabriel Afonso, Editor-Chefe no período de 2018-2019.

Todavia, foi justamente nesse processo de tentar elaborar um relato sobre a REVICE que podemos percebê-la como uma das melhores contribuições dos alunos de Ciências do Estado para o curso de Ciências do Estado e para a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG - como um todo. Dificilmente encontramos em outras instituições uma iniciativa discente que tenha atingido uma qualidade tão alta e que tenha tanta duração no tempo como a REVICE, que tem – frise-se - um potencial para se tornar ainda mais qualificada e perdurar ainda mais. Uma vez que acredito que esse caminho esteja apenas se iniciando, celebrar um marco como o aniversário de 5 anos da primeira publicação serve exatamente para renovar o vigor nesta caminhada principiada em 2016, e que felizmente não tem um fim programado.

Revistas acadêmicas tendem a ser um ponto de encontro entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Naturalmente, quem faz pesquisa se dirige às revistas como fonte de consulta e de reflexão. O ato de publicar uma pesquisa já pronta é também uma forma de extensão, pois implica a possibilidade de comunicação entre a comunidade acadêmica e a sociedade que se encontra fora dos muros da universidade. E o estudante recorre às revistas para complementar a educação que recebe em sala de aula, ou mesmo para divergir desse ensino.

Dessa forma, a REVICE tem um papel importantíssimo para o curso de Ciências do Estado. Ela é um espaço onde uma pesquisa, uma ciência do Estado, é publicizada para toda a comunidade, seja ela acadêmica ou não, e serve de base e de fonte de consulta para os próprios alunos e pesquisadores do curso. A REVICE acaba sendo sinal de um processo bastante precioso, que é aquele pelo qual os alunos de Ciências do Estado tomam consciência de estarem produzindo um tipo conhecimento que não é exclusivamente e puramente jurídico, ou sociológico, ou filosófico, ou histórico e assim por diante. É um conhecimento de ciência do Estado. E mais importante: esses alunos sabem que estão produzindo um conhecimento nesses termos.

E, nesse sentido, existe um grande mérito da primeira equipe editorial da REVICE e das pessoas que tomaram a iniciativa de fundar o periódico: foram eles que sentiram essa consciência e a necessidade de um espaço para que ela pudesse se expressar mais própria e confortavelmente. E a proposta da REVICE é justamente ser esse espaço de publicação dessas pesquisas únicas, que não se encaixam em exclusivamente um determinado campo do saber consolidado no Brasil - e mesmo no mundo.

Esses primeiros seis volumes da REVICE - e tomo a liberdade de falar em primeiros, pois certamente virão mais algumas dezenas - constituem a primeira etapa dessa tomada de consciência e servem para moldar essa percepção de como se faz ciência do Estado, influenciando pesquisas atuais, mas também aquelas que ainda irão se desenvolver, e a

formação/renovação/atualização de um campo de estudos denominado ciência do Estado, que é uma área do conhecimento que nunca estará pronta ou finalizada, senão em constante processo de mutação – porque, ora, as próprias condições do Estado mudam.

É por isso que a REVICE é uma das melhores contribuições dos alunos de Ciências do Estado para o curso de Ciências do Estado – e reside aí a dificuldade em se fazer um relato sobre ela, visto que esse relato também é uma expressão desse processo de amadurecimento e de tomada de conhecimento e que falar de si mesmo é sempre tarefa complexa. Simultaneamente ela é a expressão da consciência que esses alunos têm de si, melhor, que nós alunos temos de nós mesmos e do conhecimento que queremos produzir. No entanto, ela é também um agregado de conhecimento, teorias e práticas já publicadas que vão modular e influenciar o desenvolvimento posterior dessa percepção, influenciando como os novos pesquisadores da área se enxergarão em 2022, 2023, 2024 e assim por diante.

E o mais surpreendente: ao organizar um evento dessa magnitude, a REVICE tem consciência de ser essa consciência. Ele mostra justamente que a equipe editorial alcançou um nível de maturidade que a faz refletir sobre seu próprio papel em relação ao bacharelado em Ciências do Estado, e não apenas refletir sobre o papel do curso em si. A REVICE adquiriu consciência de que, de alguma maneira, ela faz parte dessa consciência dos alunos e dos pesquisadores. Isso é incomparável com o trabalho que qualquer outro periódico discente na UFMG faça. É motivo de orgulho não apenas para o curso, mas também para a Faculdade de Direito, que historicamente se esforça para se renovar e para agregar novos conhecimentos em seus currículos. É motivo de orgulho para os professores que publicam, para os professores que dão aula no curso e que de alguma forma nele se engajam.

Não poderia deixar de mencionar que a REVICE também é motivo de orgulho para mim. Lembro-me que os primeiros “boatos” sobre a fundação da REVICE começaram entre 2015 e 2016, me lembro das primeiras reuniões da equipe editorial que aconteceram na sede do Centro Acadêmico de Ciências do Estado – CACE -, do evento de lançamento da primeira edição e de outros que se seguiram. Em 2017, ingressei na equipe editorial e em 2018 me tornei editor-chefe. O grande desafio que encontrei para mim e para o Yago Condé - editor-chefe adjunto em 2019 - era a transição da REVICE para o esquema de fluxo contínuo. Foi um trabalho que ocupou algumas boas horas do nosso tempo durante uns 3 meses, planejando o fluxo de tramitação e de publicação, atualizando as rotinas administrativas, atualizando o site e as redes sociais. Um trabalho que também implicou, como se pode ver nos volumes anteriores, numa interrupção dos editais dos dossiês e numa redução, a curto prazo, do volume de trabalhos que eram submetidos. Contudo, foi um esforço que valeu muito a pena, porque nós

conseguimos aproximar a revista dos fluxos de submissão, tramitação e publicação seguidos pelos periódicos mais bem avaliados do Brasil. Isso tudo preservando um espaço de participação e publicação para os alunos do curso de Ciências do Estado, o que acredito que não deva ser abandonado pela revista. Os critérios de avaliação estabelecidos são importantes, mas se a revista se focasse unicamente em trabalhos que os atendessem, ela perderia aquela consciência especial que tem de si mesma e do bacharelado da qual é expressão.

Com o encerramento do volume de 2020, me desliguei da revista, mas continuo a me sentir bastante honrado ao ser chamado para contribuir com eventos como esse e de continuar a colaborar com ela na medida do possível.

5 anos é um período muito curto de tempo, mas é interessante percebermos como o mundo mudou de 2016 para cá. Em 2016, outras questões se impunham no debate público daquele momento, essas questões mudaram, algumas se aprofundaram e chegaram a sua atual configuração hoje. São as mudanças pelas quais o Estado passa e que impedem qualquer ciência do Estado de se tornar um campo estático. Nada obstante, a REVICE sempre se manteve atualizada e acompanhando todos esses movimentos ao longo desses anos, e podemos perceber isso ao notarmos os temas dos trabalhos que foram sendo submetidos e publicados de lá para cá, bem como nos temas dos dossiês temáticos. Novas práticas editoriais surgiram, outras desapareceram, mas a REVICE se manteve sempre oxigenada, tentando dialogar com os temas e desafios que surgiam. Tal como um rio que muda toda vez que entramos nele, um periódico acadêmico é sempre outro quando uma nova edição é publicada ou quando a equipe editorial se renova. Contudo, a perenidade de algumas coisas consiste justamente em se transformarem constantemente, e nunca estagnar. É isso que as faz perdurar. É isso que faz o rio, mesmo sendo outro, seguir o mesmo fluxo. E é isso que fez com que a REVICE sempre estivesse ocupando um papel de vanguarda na pesquisa realizada na Faculdade de Direito da UFMG, porque ela é constantemente atualizada em relação ao que é discutido fora e dentro das universidades e que se faz urgente.

IV Um periódico feito pelos e para os alunos de Ciências do Estado⁵

Por um longo período li e reli esta Memória Histórica, visitei os textos dos meus colegas, escrevi o que a mim cabia e apaguei tudo. Como uma brincadeira ingênua, preferia pensar que a mantive no "forno", tomando o tempo necessário para sua maturação. Na realidade,

⁵ Por Victoria Nicolielo, Editora-Chefe no período de 2020-2022.

o tempo, aqui, foi sinônimo da complexa e árdua tarefa em escrever sobre este projeto que tanto significa em minha trajetória acadêmica e profissional.

Tive a honra de compor a equipe editorial da REVICE ao longo de todo meu tempo enquanto graduanda do bacharelado de Ciências do Estado. Durante esse período, além de me desenvolver, acompanhei o crescimento e o amadurecimento da REVICE, que se em 2021 já era um importante veículo acadêmico para os alunos compartilharem suas pesquisas, hoje mostra a brilhante execução do que se destinou ao receber a avaliação Qualis A4.

Ainda, tive o privilégio de assumir o papel de Editora-chefe da REVICE. Essa experiência foi desafiadora e extremamente gratificante, pude liderar uma talentosa e comprometida equipe de estudantes que compartilhavam a visão de tornar a REVICE um espaço de excelência acadêmica. Juntos, trabalhamos para garantir que cada volume refletisse a dedicação e o rigor intelectual dos alunos do bacharelado.

Crescemos e a REVICE alcançou em um curto espaço de tempo um local de prestígio, que talvez nem fizesse parte dos nossos melhores sonhos. Em cada decisão tomada ao longo desse processo, nos mantivemos fiéis à nossa essência, ainda que ela dificultasse o caminho, **construir um periódico feito pelos alunos de Ciências do Estado e para os alunos de Ciências do Estado**. Acredito verdadeiramente que essa característica tão única se transformou em nossa fortaleza, nos tornou confiantes e nos fez traçar caminhos e sonhos cada vez maiores.

Após o desafiador ano de 2020, quando vimos os números de publicação caindo drasticamente, enfrentamos em 2021 o delicioso desafio de construir uma equipe volumosa, tramitar e publicar dezenas artigos e, como se não bastasse, organizar o I Encontro Internacional da Revista de Ciências do Estado.

O I EIREVICE contou como tema **Os desafios na produção e difusão do conhecimento científico** e propôs um debate que teve como ponto de partida as funções de um periódico científico, seus desafios e suas possibilidades de atuação. Em formato online, decorrente da pandemia, o evento contou com a realização de 6 plenárias, 121 participantes e a submissão de 17 propostas de comunicação, articuladas nos seguintes eixos: **importância e desafios da divulgação científica, periódicos científicos e epistemologia, história do conhecimento e filosofia da ciência**.

Além da proposta de debate, o evento celebrou os 5 anos da publicação do primeiro volume da REVICE, *Ciências do Estado: Trajetórias Perspectivas*, publicada em 27 de julho de 2016. O sucesso do encontro reafirmou a importância da REVICE como um espaço de diálogo interdisciplinar e abertura para o pensamento crítico.

A plenária de encerramento do evento foi, em minha opinião, um momento de destaque. Conseguimos reunir todos os editores-chefes que estiveram à frente da REVICE ao longo desses primeiros 5 anos. Realizamos um testemunho vivo do trabalho e do compromisso contínuo que os bacharéis em Ciências do Estado possuem com seus projetos e, especialmente com REVICE, com a excelência editorial. Foi um momento de reflexão, gratidão e reconhecimento dos esforços de todos aqueles que contribuíram para o crescimento da REVICE.

Sinto-me profundamente grata por ter participado desse projeto, por ter testemunhado seu crescimento e amadurecimento ao longo dos anos. A Revista de Ciências do Estado sempre ocupará um lugar especial em meu coração e trajetória, representando não apenas uma experiência acadêmica enriquecedora, mas também um exemplo concreto de como os estudantes podem assumir um papel ativo na construção do conhecimento e na promoção do pensamento crítico.

Que a memória histórica da Revista de Ciências do Estado inspire futuras gerações de alunos a continuarem a tradição de excelência acadêmica. Ainda jovens e já nostálgicos, esperançosos de que "a iniciativa da REVICE impulse "vontades" compartilhadas em busca de um futuro mais promissor".

Que venham mais comemorações e décadas de celebração. Viva a Revista de Ciências do Estado!

Como citar esta memória histórica?: ÁLVARES, Lucas Parreira; BANDEIRA, Sabrina Carozzi; CAMPOS, Gabriel Afonso; NOVISCKI, Victória Nicolielo Reginatto. Revista de Ciências do Estado: a que será que se destina?. *Revista de Ciências do Estado*, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 1–18, 2023.

Recebido em 29.06.2023

Publicado em 30.06.2023